

A ANÁLISE COLETIVA DO TRABALHO COMO METODOLOGIA DE INTERVENÇÃO EM SAÚDE DO TRABALHADOR

* Guilherme Augusto Gonçalves Santos, Ariana Celis Alcantara

Universidade de São Paulo

*E-mail: guilhermeagsantos@usp.br

Introdução

Com o aumento do adoecimento das trabalhadoras e dos trabalhadores por motivos relacionados à saúde mental, os métodos e as ferramentas tradicionais da higiene ocupacional se mostram limitadas para prover a proteção, prevenção e até eliminação dos riscos. Frente a essa problemática, apresentamos um modelo de resolução coletivo, onde as trabalhadoras e os trabalhadores assumem o protagonismo na proposição de saídas possíveis para a proteção, prevenção e eliminação dos riscos de doenças mentais.

Objetivo

Compreender o trabalho para transformá-lo. Essa é a premissa que baliza a prática daqueles que elegem a ergonomia da atividade como um modo de ver e viver no universo da saúde no trabalho. No entanto, para compreender é necessário escutar aqueles ao qual se deseja compreender o labor, desta forma tivemos como objetivo realizar a escuta das e dos trabalhadores de um setor educacional da Universidade de São Paulo e, a partir das análises realizadas, construir medidas de proteção e prevenção ao adoecimento mental.

Metodologia

Partimos do questionamento realizado por um Centro de Referência de Saúde do Trabalhador - CRST (autoridade sanitária do SUS), o qual indagou o motivo da elevada procura do centro, mais especificamente da psicologia, por parte de trabalhadores de determinado setor da USP. Escolhemos abrir mão dos métodos da higiene ocupacional e utilizar o método da Análise Coletiva do Trabalho (ACT) para compreender o trabalho, e, dessa compreensão, responder ao questionamento do CRST e construir medidas de proteção e prevenção ao adoecimento mental. A ACT é uma metodologia brasileira, que através de uma única pergunta, "O que você faz no seu trabalho?", abre caminhos para a compreensão, uma vez que a pergunta feita permite que o coletivo de trabalhadores expressem as diversas faces do seu trabalho, os problemas, as saídas arranjadas para dar conta da realidade que se impõe, os acertos, as alegrias e as tristezas. Esse processo de análise se iniciou com a construção de um calendário de sessões, divisão das equipes, definição de horários e números de sessões. Após, foram feitas apresentações do projeto durante os encontros de formação das equipes. Em maio de 2022 o processo foi iniciado no setor central, e em agosto do mesmo ano, em outro setor. Realizamos 44 encontros, distribuídos nos períodos da manhã, tarde e início da noite, cada um com duração média de uma hora e trinta minutos. Durante os encontros, escutando as falas das trabalhadoras e dos trabalhadores, foi possível compreender qual é o trabalho desenvolvido, além de entender quais são os principais problemas que afligem as equipes. As impressões

obtidas pelo processo de escuta, foram materializadas em relatórios dedicados a cada equipe. Estas, validaram cada documento, após a sua leitura e discussão em coletivo, durante a formação do mês de Janeiro de 2023.

Resultados

Como resultado dessa intervenção, temos a análise do contexto de trabalho e apontamentos de situações que necessitam de intervenções. Através da ACT, foi possível compreender aspectos do trabalho que os métodos tradicionais da engenharia de segurança teriam muita dificuldade para alcançar, uma vez que falta de materiais, falta de funcionários e falta de diálogo sobre a prática e os princípios de atuação, não estão enquadrados nos riscos físicos, químicos ou biológicos. O ato de escutar permitiu que as trabalhadoras relatassem os pontos críticos da sua atuação, a falta de material, mas também a falta de comunicação com a sessão responsável por solicitar. Um modo de trabalho, que faz com que estratégias de “jeitinhos” adentrem na rotina e, para alguns, produza o sentimento de desamparo. Assim, foi da análise desses pontos críticos, que pudemos extrair uma resposta possível ao questionamento do CRST, questionamento esse que motivou a intervenção e configura-se como resultado.

Conclusão

Caminhando para uma possível resposta ao questionamento do CRST, os pontos críticos desvelados pela análise coletiva do trabalho, no que tange a procura de atendimento psicológico no CRST, se dá em decorrência de mudanças bruscas que transformaram os setores analisados em um ambiente de trabalho repleto de incertezas, os materiais são incertos, a força de trabalho é incerta, as relações entre os pares são incertas. A análise, enquanto ferramenta para compreender e promover a transformação da realidade do ambiente laboral dos setores, não se finda no entendimento do trabalho, pelo contrário é o início de um processo de mediação de implementação das ações propostas pelas trabalhadoras e trabalhadores, a fim de transformar a realidade do trabalho no setor em voga. Para além de buscar uma resposta a um questionamento proveniente de um órgão de vigilância, a experiência de valorizar a escuta e a construção de uma narrativa coletiva sobre o trabalho, se mostrou como um método potente de resolução de problemas complexos relacionados à saúde no trabalho.

Palavras-chave: Saúde do Trabalhador. Análise Coletiva do Trabalho. Saúde mental no trabalho.

Referências

FERREIRA, Leda Leal. Análise coletiva do trabalho: quer ver? Escuta. Revista Ciências do Trabalho. 2015, n.4. pp 125-137. ISSN: 2319-0574.
<https://rct.dieese.org.br/index.php/rct/article/view/60>